

TABULEIRO DE LETRAS

Poéticas orais no Norte e a Quarta Morada do Rei Sebastião

Oral poetics in the North and the Fourth Residence of King Sebastian

Fernando Alves da Silva Júnior¹
Sônia Moraes do Nascimento²

RESUMO: Este artigo pretende discutir a presença do rei Sebastião no Norte do Brasil, especificamente em Viséu/PA, a partir das poéticas orais que circulam pela região. A metodologia de pesquisa segue os pressupostos de Alberti (2005), Brandão (2007), Geertz (1989, 2009) e Oliveira (2006). Os teóricos que abordam o tema são: Braga (2001), Maués (1990, 2005), Pereira (2008), Santos (2009), Silva (1993), Silva (2010) e Souza (1999). O objetivo desta pesquisa é problematizar a presença do sebastianismo na Pedra do Gurupi em Viséu (PA) como a Quarta Morada de Dom Sebastião no Norte, conforme atestam os relatos orais colhidos para este trabalho.

Palavras-chave: Sebastianismo; Viséu; Poéticas Orais; Quarta Morada.

ABSTRACT: This article intends to discuss the presence of the king Sebastian in the North of Brazil, specifically in Viséu, state of Pará, based on the oral poetics that circulate in this region. The research methodology follows the recherches of Alberti (2005), Brandão (2007), Geertz (1989, 2009) and Oliveira (2006). The theorists that approach the theme are Braga (2001), Maués (1990, 2005), Pereira (2008), Santos (2009), Silva (1993), Silva (2010) and Souza (1999). The objective of this research is to problematize the presence of sebastianism in the Pedra of Gurupi in Viséu (PA) as the Fourth residence of Dom Sebastian in the North, as evidenced by the oral reports collected for this work.

Keywords: Sebastianism; Viséu; Oral Poetics; Fourth Residence.

Introdução

Neste artigo, acerca do sebastianismo na Pedra do Gurupi e na Ilha da Iara, pretendemos apresentar a quarta morada do Rei Sebastião; tendo em vista a proposta de Maué (2005) da existência de alguns espaços próprios do Rei Encantado no litoral norte brasileiro. Para tanto, o trabalho requereu pesquisas de campo metodologicamente voltadas para a etnografia, em Brandão (2007), Oliveira (2006), Geertz (1989, 2009), e para a história oral, em Alberti (2005),

¹ Doutorando em Estudos Literários (UFPA/CAPES). E-mail: macuninfeta@gmail.com

² Graduada em Letras (UFPA). E-mail: sonia.mnascimento@hotmail.com

pois a gravação com alguns moradores do município de Viseu (PA) foi imprescindível, considerando-se os poucos trabalhos realizados sobre a Pedra e a Ilha.

A Pedra do Gurupi é uma formação rochosa situada no ponto de interseção do Rio Gurupi com o oceano Atlântico. A Ilha da Iara ou Irara, por sua vez, localiza-se no leito do Rio Gurupi, por conta de sua proximidade com o município de Viseu, sendo hoje habitada por algumas famílias. Ferreira (2013, p. 48), ao mencionar as “tradições populares” do município de Viseu, expõe que a Ilha da Iara trocava constantemente de lugar com a Pedra do Gurupi, fenômeno que foi interrompido pelo padre Vigário da Paróquia quando este as banhou com água benta, único recurso, segundo a credence local, possível de cessar tal movimento. Essa explicação motivou os moradores locais a creditarem ao padre o equívoco de benzê-las justamente quando estavam em locais não naturais, ou seja, justifica hoje a Pedra do Gurupi ocupar o espaço que antigamente era próprio da Ilha da Iara.

Nas pesquisas de campo, não encontramos registro ou relato que nomeassem o padre que “benzeu” a Pedra e a Ilha. Entretanto, é de comum acordo que foi o padre vigário que “benzeu”, “banhou a pedra com água benta”, o “Padre Cabano”, segundo nos informou seu Josias de Viseu. Vale dizer que, de acordo com nossas pesquisas bibliográficas, a relação desse Vigário com Viseu inexistente. Mesmo assim, seu Raimundo narrou que o encontro desse religioso com a Pedra e a Ilha “faz cento e poucos anos” ou ainda que o fato ocorreu “noutro tempo”. Por isso concluímos que a relação desse vigário com Viseu é menos desconhecida que lendária. O senhor Jardel traz a seguinte explicação:

Meu avô contava que os negros fugiram de lá dos quilombolas e vieram numa canoa pequena aí chegaram aí na ilha da Iara eles enterraram o ouro. Quando fugiram de lá eles roubaram, aí quando chegaram aí enterraram o ouro, aí o Rei veio atrás não achou o ouro, amaldiçoou o ouro era por isso que a ilha da Iara se deslocava com a Pedra. Aí quando veio o padre aí levaram ele lá ele foi benzeu a ilha da Iara. Aí nunca mais se trocou. Isso é o que eles falam.

O senhor Jardel é muito claro ao explicar que a motivação do trânsito ente Ilha e Pedra se deu por intervenção do Rei Sebastião, motivado pelo enterramento de ouro pelos negros na Ilha da Iara, conhecida em Viseu como filha do Rei. O que se embrinca na história da Pedra é um poço encantado situado em algum espaço da Ilha, e a pessoa que encontrar uma corrente e conseguir puxá-la, será por um lado recompensado com o ouro lá enterrado e, por outro, amaldiçoará toda a redondeza de Viseu, pois o mundo encantado virá à tona.

História do Rei Sebastião

Santos (2009, p. 62-64) explica a crença nas lendas sebastianistas da seguinte forma: “dois fatos podem ser apontados como principais motivadores do afloramento do Sebastianismo em Portugal. Um deles, a relativa decadência em que se encontrava o império, [...]”. Outro motivador, segundo a autora, foi a “morte do jovem rei de Portugal, D. Sebastião, em guerra contra os mouros”. E “as esperanças portuguesas no futuro foram depositadas em torno da figura de Dom Sebastião” ficando conhecido como o “desejado”. O Rei, “acreditando na predestinação de Portugal e na sua própria para comandar o exército vitorioso e estabelecer o grande Império Cristão, sob a ‘Vontade Divina’”, partiu para o Marrocos, a fim de expandir o império português, de modo que “a derrota tornou-se inevitável, vindo a correr praticamente, um holocausto do exército português” (SANTOS, 2009, p. 65).

Desse acontecimento surgem duas versões acerca do rei morto em combate. A primeira explica que o corpo do Rei foi entregue a Portugal como símbolo da derrota do povo lusitano; a segunda dá conta de que o corpo do Rei jamais fora encontrado, ou seja, um corpo que não foi reavido justifica o encantamento do Rei, motivo para a disseminação do sebastianismo.

Dessa feita, Portugal difundiu “a crença de que D. Sebastião não morrera” e tal prerrogativa se espalhou por todas as colônias portuguesas. O Sebastianismo, segundo Santos (2009, p. 65), se fragmentou sem, no entanto, perder sua essência, adequando-se aos novos espaços. Com base essa fragmentação, em Viseu, o senhor Milton relata o seguinte evento com o Rei Encantado:

É que quando foi seis horas da manhã lá vem o cavaleiro por riba da água, tha, tha, tha... agarrou no barco dele e disse o barco vai pra São Luiz, vai pra São Luís, o que é o carregamento? E disseram já tá comprometido ou está disposto a venda? Não está disposto a venda? Eu compro toda a mercadoria. Você compra? Compro, pode soltar tudo aí (dentro d’água?). É dentro da água é. Soltaram lá a mercadoria. Ele perguntou quem tem coragem de buscar o dinheiro comigo, ah! Aí não, Aí não, aí o cozinheiro, e que eu não me lembro do nome do cozinheiro. O cozinheiro disse que tinha coragem de ir. Então monte aqui na garupa do cavalo. Ele montou, ele disse: O barco pode ir, pode sair esperar ele, que ele vai por terra, tá certo. Saíram. Mandou fechar os olhos. Fechou os olhos quando pensou que chegou lá palácio pai d’égua a estiva estava lá tudo forma de canoinha, muito bonita lá na cidade, muito bonita e aí só que não deram comer pra ele. Ele não comeu. Chega conta o dinheiro pra ele e disse eu vou lhe levar pra São Luiz, você vai ficar lá na Docca visa bem o barco. Aí você trepa para o leme do barco, da embarcação e aí o cara foi levar ele lá. Parece que o barco atracou e ele embarcou. Aí ele começou a tomar uma aqui outra ali e publicou que ele tinha ido no Lençol e as notícias corre aí na cidade. Mandaram ir, aí as autoridades mandaram chamar ele. Você foi no Lençol? Fui. Você foi e viu o Rei Sebastião? Vi. Vamos aqui, pegaram e levaram ele para um quarto onde tinha retrato de gente de todo jeito. Qual e deles, o Rei Sebastião. Olhou e disse, aqui ele não está, doutor ele não tá aqui.

Então você não foi no Lençol que ele tá aí no meio dos outros. Não aqui não, levaram pra outro quarto tinha dois retratos, Rei Sebastião e o retrato de Jesus Cristo. E foi olhou e disse e disse é aquele ali. E você foi lá. Aí foi fuzilar ele. Eles têm medo de desencantar o Lençol, porque se desencantar o Lençol, o Lençol sobe e São Luis vai pro lugar dele. É isso. Isso que é o medo dele, tem medo de desencantar o Lençol que é uma capital, o Lençol é São Luis e São Luis se encantar. Então eles fazem toda a procura eliminar aquela pessoa e de primeiro eles procuram muito jeito desencantar (Silva, Milton Monteiro, Viseu-PA, 11 set. 2013).

Outro local que manifesta situações semelhantes às descritas pelo senhor Milton é exposto por Patrícia Souza (1999, p. 32-38), acerca da Ilha de Maiandeuá, Maracanã (PA), ao assegurar que:

Mayandeuá, a cidade encantada que ficava no fundo do lago, hoje conhecido como “lago da princesa” e prossegue afirmando que “a princesa encantada do Mayandeuá seria filha de Dom Sebastião e teria certa vez aparecido a três pescadores pedindo para ser desencantada (...) Se a princesa chegasse a ser desencantada, ocorreria uma inversão: a cidade dos encantados viria a tona e outras cidades, como Belém do Pará afundariam. Trata-se de uma ideia messiânica claramente associada ao sebastianismo português”.

Assim, na Amazônia Oriental, o Rei Sebastião é encoberto por praias e pedras, como a Pedra do Gurupi (Viseu), a Pedra do Rei Sabá (São João de Pirabas), Maiandeuá (Ilha de Algodoal no município de Maracanã) e Ilha dos Lençóis. O rei Sebastião “só poderia estar encoberto num lugar ermo, também escondido, fruto do sobrenatural. Seria uma ilha encoberta”, isso porque o “encoberto vive retirado numa ilha que também é encoberta. Essa ilha encantada, invisível, impossível de se localizar de maneira definitiva, e que não figura em nenhum mapa, surge, contudo, das brumas diante dos navios em apuro”; desse modo, o “sebastianismo é filho das ilhas” (SILVA, 2010, p. 102-103).

O Rei Sebastião no Nordeste Paraense

O sebastianismo, segundo Pereira (2008, p. 149), ocorre no Brasil em virtude da presença das encantarias, como exemplo dos “filhos do rei Sebastião”, na ilha dos Lençóis, Maranhão. Essa ilha é considerada “uma ilha encantada, enquanto lugar privilegiado para a morada de El Rei Dom Sebastião”. (PEREIRA, 2008, p. 149).

Ainda de acordo com Pereira (2008, p. 152-153), percebemos que “o mito do sebastianismo possui grande força naquela região, estando metamorfoseado na lenda do ‘touro encantado’”. Acredita-se que tal crença não esteja presente somente na credence do povo maranhense, mas em toda a “população do litoral Norte” e suas raízes históricas. Segundo Braga

(2001, p. 21), ligam-se ao “messianismo português [que] é resultante da convergência de três correntes: duas correntes de natureza eminentemente religiosa (judaísmo e cristianismo) e uma corrente política”. Aqueles que prosperarão, mediante as profecias de um rei que ressaltaria o prestígio político de Portugal, serão “os dois grandes ‘profetas’: Gonçalo Anes, o sapateiro de Trancoso, e o jesuíta Antônio Vieira” (BRAGA, 2001, p. 22).

No Brasil, o sebastianismo pode ser percebido também na religiosidade do catolicismo, no denominado culto a São Sebastião, apesar de alguns afirmarem que as duas entidades não são a mesma pessoa, mesmo com o culto de aniversário coincidir com a data de vinte de janeiro. Essa data é explícita nas trovas de Gonçalo Anes Bandarra¹, ao ressaltar que o aniversário de dom Sebastião, rei de Portugal, corresponde ao dia da festividade de São Sebastião no Brasil. Essa festividade em Carutapera (MA), cidade vizinha de Viseu, dura dez dias, cujo término acontece no dia vinte e dois de janeiro. A respeito dessa data, é digno de nota o que sugere Maués (1990, p. 102) acerca da festividade de São Sebastião (Oxossi) na Umbanda, uma entidade encantada. Essas divindades, grosso modo, são estabelecidas pela “corrente-do-fundo [que se trata de] uma doença provocada por uma categoria específica de encantados, caruanas”, entidades comuns nos terreiros de pajelança de Viseu. Vejamos o que a pajé viseuense diz acerca desse momento:

Aqui no terreiro ela (Erundina) já baixou uma vez, numa filha de santo minha, mas é Mariana, Jarina, a Erundina quase a gente não ouve falar, mas é Mariana que ela sempre vem nos terreiros. Tem natural cada uma desce né, porque aqui no meu terreiro elas só vêm, né, doutrinam e vão embora. [...] eu não sou muito fundada na história de Mariana, Jarina, só sei que elas são filhas do Rei Sebastião, dizem que são três maresias encantadas lá na praia do lençol, né, e Jarina é encantada, numa delas, eu acho que todas três né, porque são três irmãs, são três maresias. (Pajé Deusa, Viseu-PA, 14 set. 2013).

Pela voz de outro narrador é permitido entender um pouco mais sobre essa figura emblemática da religiosidade popular quando o senhor Manoel Ademir diz que, caso o “Rei Bastião” se agrada da pessoa, ele aparece para colocar o vulgo no caminho mais seguro de suas decisões. Na narrativa contada por este narrador, explica-se que o irmão dele

veio pra Serra do Piriá levou uma caboquinha lá da serra pra mulher dele, era sobrinha de papai, Antônia, ela era bem novinha, passou uns dias apareceu um, um, um, ela se atou lá passou um negócio dum, se incorporou um negócio de espírito nela, se incorporou nela, aí ela falou, era Rei Bastião, falou e disse dizendo pra ela que era falando nela mesma que pra papai cavar um poço (...) que ia dá agua boa lá que depois que o papai encaixotasse tudinho, tampasse, zelasse. (Manoel Ademir, Viseu/PA, 11 set. 2013).

Em tal fala ressoam as observações de Maués (1990, p. 103), quando o autor afirma que a “motivação do agente é o ‘agrado’, isto é, o caruana escolhe aquela pessoa, por gostar dela, para poder manifestar-se. A pessoa não pode resistir por si mesma” e, diante de tal narrativa, a personagem do senhor Manoel evidentemente era escolhida pelo encantado, o que podemos conferir quando ele relata que seu pai, residente na praia da Ilha da Iara, recebeu um “intimado” de um caruana, assim ele poderia ali morar, com a ressalva de que não promovesse festa, ou qualquer atividade *sui generis* que gerasse movimentação desordenada na ilha. Ele não cumpriu as deliberações do encantado e, com isso, eventos naturais inexplicáveis ocorreram durante a realização de uma festa. O narrador nos explica melhor acerca desse caso:

Meus irmãos foram bater pra Fernandes Belo buscar uma aparelhagem, mandaram chamar times. Quando foi dia seis de setembro, a maré já tava lançando grande, quando foi de tarde a maré veio descendo foi cavando uma barreira grande, do tamanho que tinha a rua da praia, foi crescendo a barreira, por dentro da terra, chegou perto da linha de casa, no dia seguinte, quando foi de noite que teve a festa a maré veio chegando derrubando na frente todinho, foi jogando uma contra as outras e foi prejuízo, não tem mais nem uma ponta de terra. Então, e a casa dela, e a casa dela caiu porque derrubemos a casa dela, da, da, dessa que se atoava. (Manoel Ademir, Viseu/PA, 11 set. 2013).

Compreendemos que esse evento não esperado ocorreu devido à presença do rei encantado da Pedra do Gurupi que rege também a praia da Ilha da Iara, confirmando a presença desses encantados, seres invisíveis que se apresentam durante os rituais incorporados no “pajé”, isto é, o xamã.

Maués (2005, p. 264) explica também quais são as três principais moradas do Rei Sebastião no Norte brasileiro: a primeira é a Ilha de Maiandeuá, visto que na ilha de Algodão (Maracanã/PA) “se situam a praia e o lago da princesa, que é a filha do rei”; a segunda é a Ilha de Fortaleza (São João de Pirabas/PA) “onde existe a ‘pedra do rei Sabá’ e o ‘coração da princesa’”; e, por fim, o antropólogo cita que “o mesmo acontece com a ilha dos Lençóis, no litoral do Maranhão, que é menos referida ainda na região do Salgado: esta é a terceira morada do rei Sebastião”. Acrescentamos que a quarta morada do rei Sebastião é a Pedra do Gurupi que, igualmente às demais citadas por Maués, é contígua a uma ilha encantada habitada por uma princesa, conhecida localmente como a filha do rei.

O Sebastianismo na Pedra do Gurupi

A relação atribuída ao envolvimento mítico entre a Pedra do Gurupi e da Ilha da Iara também é observável em Cascudo (2001, p. 279), para quem Iara é o “nome convencional e literário da mãe-d’água, ig, água; iara, senhora”. Mais adiante, observando o vocábulo mãe d’água, compreende-se “por mãe-d’água a sereia europeia, alva, loura, meio peixe, cantando para atrair o namorado, que morre afogado querendo acompanhá-la para bodas no fundo das águas” (CASCUDO, 2001, p. 348). Nesse contexto, observa-se que nas águas há seres encantados que povoam o imaginário amazônico, e a Iara, enquanto senhora das águas, se assemelha a Iemanjá, “rainha do mar”, entidade presente nos ambientes de umbanda.

Reiterando as teorias acerca das cidades submersas, no universo da lenda da Iara encontram-se seres encantados que “vivem no fundo das águas brasileiras, cidades castigadas no seu orgulho. Em certos momentos as vozes de seus encantos habitantes ressoam em cantos, atravessando os ares sons de clarins, rufos de tambor, gritos aclamações” (CASCUDO, 2010, p. 229). É digno de nota o que diz o pesquisador potiguar do folclore brasileiro a respeito da mais bela história de cidades submersas na Amazônia, a da foz do rio Gurupi, a famosa morada do rei Sebastião no Pará, ou seja, a Pedra do Gurupi:

A mais bela lenda da cidade encantada é Amazônia. Na foz do rio Gurupi, 9 milhas da cidade de Viseu, no Pará, existe um grande rochedo, em que se cava uma profunda gruta. É crença entre os povos que ali sobre o rochedo, houve uma cidade, que foi por uma inundação arrastada para o fundo do rio: nas noites claras de luar, ouve-se distintamente, lá embaixo, um rumor de vozes humanas e repiques de sinos.

Pode-se acrescentar que, segundo alguns entrevistados, nesse lugar ouve-se galo cantar, boi berrar, cavalo relinchar etc. Segundo seu Raimundo Ferreira (Viseu/PA, 09 set. 2013), ele não viu, mas ouviu, como tantos outros, esses “movimentos” audíveis e perceptível e, também, o pescador que por essas bandas do rio Gurupi se aventurar, arrisca-se a ser atraído pelo Rei Sebastião e ser por ele incorporado. Essa “possessão” serve para comunicar aos praianos as determinações do Rei Encantado, ou seja, as condições de permanência no local. Logo, caso os pescadores agradem o rei, ele indica os locais propícios de água potável e peixe fácil.

Portanto, como preconiza Ferreira (2013, p. 48), esses barulhos não são perceptíveis a todos, “não se consegue identificar e nem todas as pessoas são capazes de enxergar os riscos e rabiscos”, conscientizando o ideário local sobre aqueles que afirmam ter algo de especial com relação ao misticismo. E aqueles que não respeitam essa crença tendem a ser punidos, impedidos de usufruírem da pesca nas encostas da pedra ou serem acometidos por enfermidades, sendo uma constante para aqueles que agridem tanto a Pedra do Gurupi quanto

a Ilha da Iara. Nesse viés, as histórias que circundam essas entidades são excelentes modeladores sociais contra a predação ambiental nas águas de Viseu (PA).

Ouve-se contar em Viseu que era comum a Pedra do Gurupi trocar de lugar com a Ilha da Iara. Observamos esse ressoar de vozes, principalmente nas falas do senhor Raimundo, da Pajé Deusa e do senhor José Maria que, entre outras informações, dizem:

[...] ia assim, vamos dizer assim, hoje é segunda, né? Aí tinha sinal, quando a Pedra estava lá no lugar dela, aí começava aparecer um vento. É bem forte a aí a Ilha ia, quando espantava que não se mudava. A Pedra vinha pra cá e a Ilha ia pra lá. E verdade que quando a, a, a, pe... comé a Ilha ia pra lá era motindade de vento. Era bem pouquinho, era, era não tinha vento, bem pouco e uma Ilha no meio do oceano daquele, agora quando a Pedra se mudava nesse dia ninguém num podia andar no meio de Viseu. Aquela maresia tudo quanto não prestava (BORGES, Raimundo Ferreira, Viseu-PA, 9 set. 2013).

[...] Eu ouvia quando era muito era inverno chovia, chovia, se ouvia estrondo da pedra, a minha avó que era índia, ela contava pra gente, que realmente essa Pedra se mudava de lugar que inclusive veio o padre pra benzer a Pedra por que um dia amanhecia num lugar no outro dia amanhecia no outro, mudava justamente aqui nesse rio Gurupi que se trocava era a Ilha da Iara que você fala com a Pedra do Gurupi (PAJÉ DEUSA, Viseu-PA, 14 set. 2013).

[...] É, é, é, essa Pedra ela tem um mistério e essa Ilha também tinha um mistério e este mistério, é que a Pedra se mudava pro lugar da Ilha e a Ilha se mudava pro lugar da Pedra. Só que existia um certo Reino Encantado. Quando descobriram o segredo que essa Pedra desse reinado a Pedra não saiu mais de lá e é época de lua cheia que se trocava, a Ilha ia pro lugar da Pedra e a Pedra vem pro lugar da Ilha (GONÇALVES, José Maria, Viseu-PA, 07 set. 2013).

São esses os eventos que denunciam a presença do Rei Sebastião no município de Viseu, apresentando uma morada que serve, sobretudo, para explicar esse modo singular da população local em criar sentido para os fenômenos que os surpreendem, mas também para determinar os modos de se relacionar com os espaços naturais, uma vez que é sob o prisma do Rei que o morador local enfrenta a pesca ou utiliza os ambientes naturais, o que deixa manifesto uma relação com o outro. Desse modo, o sebastianismo é, aos nossos olhos, um conceito que deixa subjacente uma relação de respeito com o espaço que se habita.

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BRAGA, Pedro. *O Touro Encantado da Ilha dos Lençóis: o sebastianismo no Maranhão*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Revista Sociedade e Cultura*. v. 10, n. 1, 2007, p. 11-27.

FERREIRA, Odete Nogueira Pereira. O município de Viseu e seus administradores. In: SIMÕES, Maria do Socorro Galvão. *Da Pré-história à Modernidade: navegando entre o rio e a floresta em busca das origens*. Belém-PA: IFNOPAP/UFPA, 2013.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo*. Belém. UFPA, 1990.

_____. Um aspecto cultural do caboclo amazônico: A religião. *Revista Estudos Avançados*, v. 19, n. 53, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo; São Paulo: UNESP, 2006.

PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. A encantaria e “os filhos do rei Sebastião” na ilha dos Lençóis. In: MAUÉS, Raymundo Heraldo; VILLACORTA, Gisela Macambira. *Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia*. Belém (PA): EDUFPA, 2008.

SANTOS, Tania Lima dos. *A (re)Escritura Mítica do Sebastianismo no Romance D’a Pedra do Reino, de Ariano Suassuna*. Universidade Federal da Paraíba – Programa de Pós-Graduação em Letras (Dissertação de Mestrado). João Pessoa-PB, 2009.

SILVA, António Luís Cerdeira Coelho e. *Imagens de D. Sebastião no Portugal Contemporâneo*. Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras (Dissertação de Mestrado). Coimbra, 1993.

SILVA, Claudicélio Rodrigues da. *As Ilhas da Encantaria: o Rei Sebastião na poesia oral nutrindo imaginários*. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Patrícia Inês Garcia de. *Mayandeuá: espaço e imaginário em narrativas de uma comunidade do litoral paraense*. Universidade Estadual de Campinas – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP, 1999.

Recebido em: 12 de novembro de 2017.

Aceito em: 22 de dezembro de 2017.